

Estilos de identidade nas redes sociais de relacionamento

Marina MAGALHÃES*
Cláudio Cardoso de PAIVA**

“Os homens criam as ferramentas, as ferramentas recriam os homens”.
(Marshall McLuhan)

Resumo

O principal objetivo do presente artigo é explorar a questão da identidade como elemento de sociabilidade no mundo contemporâneo, seguindo a trilha dos conceitos de identidade ao longo da história da cultura e da comunicação. Ao remontar às origens, desde as culturas orais, nas quais a comunicação se desenvolvia de forma ritualística, até as novas tribos de interação planetária, formadas pelas comunidades virtuais, o estudo contempla os processos midiáticos como elementos fundamentais na configuração das identidades.

Palavras-chave: Identidade. Modernidade. Sociabilidade.

Abstract

The main purpose of this paper is to explore the question of identity as an element of sociability in the contemporary world, following the trail of the concepts of identity throughout the history of culture and communication. In its initial since oral cultures, where the communication was developed in a ritualistic manner, until the new tribes of globally interaction, formed by virtual communities, the study approaches with media processes as key elements in the shaping of identities.

Keywords: Identity. Modernity. Sociability.

Introdução

No momento em que se cria um perfil virtual em qualquer uma das redes de relacionamento oferecidas pela internet – sejam elas Orkut, Twitter, Second Life ou blogs, as mais acessadas entre os brasileiros – é comum se deparar com a seguinte questão: *quem sou eu?* A necessidade de identificação, considerada uma demanda típica das reflexões fundamentalistas da Modernidade, deixou de ser uma exclusividade do plano real e foi absorvida pela rede dentro da nova cultura virtual, também chamada

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Paris-Descartes, França.

cibercultura. Este é apenas um dos aspectos de um fenômeno conhecido como globalização que, após eliminar a distância espaço-temporal, vem proporcionando novas formas de socialização entre os indivíduos.

Embora a reflexão acerca da identidade seja uma preocupação recente, no longo percurso civilizatório, a necessidade de se estabelecer uma espécie de “liga” entre as pessoas acompanha os homens desde o início dos tempos. Primeiramente, essa idéia estava relacionada às sociedades de familiaridade mútua, concentradas no domínio das proximidades nas regiões em que viviam, na qual os papéis sociais dentro das comunidades já eram nitidamente definidos e, por isso, de negociação impensável.

Com o início do Estado moderno, surgiu também a urgência de se criar uma ordem que deixou de ser reproduzida automaticamente pelas sociedades até então estabelecidas, incorporando a questão da identidade como alicerce para a legitimidade do seu poder. A partir daí, a definição de quem o indivíduo é passou a ser atrelada diretamente ao seu pertencimento à determinada nação, resultando em uma soberania do Estado, revestida de sentido de unidade e coesão da comunidade nacional, construída com base no seu local de nascimento ou de naturalização.

Entretanto, ao longo da Modernidade, as mudanças trazidas pela globalização – sobretudo a expansão das relações políticas, comerciais e comunicacionais – minaram o princípio de “quem governa decide a nacionalidade”, lema que moldou o problema da identidade há cem ou mais anos. Com a perda dessas âncoras sociais que lhe faziam parecer natural, predeterminadas e inegociáveis, a identificação vem se tornando cada vez mais essencial para os indivíduos que buscam um *outrem* a quem pedir acesso.

Na ânsia de criar novos grupos com os quais vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade, afastando-se de instituições sociais que, de certa forma, aprisionam a sua liberdade de escolha, o homem desfruta desse pluralismo cultural característico do mundo moderno na infinidade de possibilidades oferecidas pelas recentes redes de comunicação telemáticas.

Novos campos de relacionamento, como o Orkut, propiciam a formação de grupos com interesse e identificação em relação aos temas mais diversos, desde questões profissionais, acadêmicas e de pesquisas, até aspectos culturais, temperamentais, estéticos, mercadológicos e triviais do cotidiano. Em suma, o mais importante agora é unir-se a alguém por algum motivo em comum, prevalecendo, no universo da velocidade, o princípio da quantidade de relações em detrimento da qualidade.

Em uma era marcada pela cibercultura, na qual vida atual e vida virtual se fundem a todo o momento, as comunidades virtuais com as quais os indivíduos se identificam podem ser o primeiro passo na elaboração da resposta à pergunta *quem sou eu?*.

1 Identidade na modernidade

Seria lugar comum afirmar que as instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social no que diz respeito ao seu dinamismo, ao nível de interferência nos hábitos e costumes tradicionais e ao poder de impacto global. Porém, autores como Anthony Giddens (2002) chamam a atenção para o fato de que esses elementos não são apenas transformações em extensão. A Modernidade também altera



radicalmente a natureza da vida social cotidiana, refletindo nos aspectos mais pessoais da nossa existência.

A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e portanto com o eu. Uma das características distintivas da modernidade, de fato, é a crescente interconexão entre os dois “extremos” de extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais do outro. (GIDDENS, 2002, p.9).

Neste panorama moderno, entretanto, o *eu* não pode ser reduzido a uma identidade passiva, determinada por influências externas. Introduzindo a questão dialética entre o local e o global, definida por um jogo de oposições entre envolvimento locais e tendências globalizantes, o autor explica que ao forjar suas auto-identidades, independente do espaço onde isso ocorra, os indivíduos contribuem para influências sociais que podem trazer conseqüências e implicações de alcance universal.

Partindo desses elementos, o processo de reorganização espaço-temporal, lado a lado com a expansão dos *mecanismos de desencaixe*, que descolam as relações de seus lugares específicos, com a possibilidade de serem recombinadas através de grandes distâncias também no tempo e no espaço, é apontado como principais características da vida social moderna.

Como Zygmunt Bauman (2005) reafirmaria mais tarde, Giddens (2002) revelou que para se pensar a identidade no mundo de hoje, denominado por ele como Modernidade Alta, ou Modernidade Tardia, é preciso considerar tanto o *eu* quanto o contexto que o cerca, dentro de uma construção reflexiva em meio à presente diversidade de opções e possibilidades.

Essa infinidade de escolhas proporcionadas pelos novos traços culturais, que passam tanto pelo campo pessoal quanto pelo profissional e afetivo, traz consigo riscos e desafios que gerações anteriores não precisaram enfrentar, como a reflexão acerca da própria identidade.

1.1 Reflexão da identidade

A nova busca reflexiva do *eu*, de acordo com o autor, implica em manter narrativas biográficas correntes, reafirmando o próprio posicionamento em seus espaços de atuação, ao mesmo passo em que são continuamente revisadas, obedecendo às mudanças dentro desse quadro de múltipla escolha.

Quanto mais a tradição perde o seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida e partir de uma diversidade de opções. (...) Por causa da ‘abertura’ da vida social de hoje, com a pluralização dos contextos de ação e a diversidade de ‘autoridades’, a escolha de estilo de vida é cada vez



mais importante na constituição da auto-identidade e da atividade diária. (GIDDENS, 2002, p.13).

Hoje ocorre um processo diferente daquele ocorrido nas culturas antepassadas. Ainda que houvesse, na tradição, processos de reorganização psíquica – geralmente na passagem da adolescência para a fase adulta através dos ritos de passagem –, as coisas permaneciam praticamente inalteradas no nível de coletividade. Na Modernidade, o *eu* alterado precisaria ser observado como parte de um processo reflexivo maior, que contemple não só as mudanças pessoais como também sociais.

Por esse motivo, Bauman (2005) considera injusto recorrer aos pais espirituais da sociologia para decifrar a questão, descartando o trabalho de autores como Weber, Durkheimer e, mais à frente, Simmel, por considerar que o tema se irrompeu e estabeleceu na consciência compartilhada tempos depois de eles terem morrido. A problemática da identidade, uma discussão recente, nunca foi prioridade no legado destes autores, que se dedicaram aos problemas, preocupações e tribulações das mulheres e homens do seu tempo.

Para o pensador polonês, um fenômeno só tende a transformar-se como objeto de estudo ou discussão “quando as coisas se desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou decepcionam de alguma outra forma” (BAUMAN, 2005, p.23).

1.2 Busca pela intimidade

Frente a esse cenário surge o que Giddens (2002) convencionou chamar de *transformação de intimidade*. O pesquisador esclarece o fenômeno apontando como “relação pura” aquela em que a confiança não se apóia em critérios externos à própria relação, como parentesco, dever social e obrigação tradicional, fundamentos elementares séculos atrás. Hoje, esse tipo de relação existiria somente pela retribuição que ela própria pode dar, pressupondo compromisso com as partes envolvidas e com a própria relação.

“É portanto um equívoco entender ‘a procura contemporânea da intimidade’, como muitos têm feito, apenas como uma reação negativa a um universo social mais impessoal e distante”. (GIDDENS, 2002, p.14).

Essa visão otimista da sociabilidade moderna, porém, não é compartilhada por outros autores. Apesar de reconhecer que a condição transitória da identidade pode hoje, enfim, ser conscientemente admitida longe das forças que modelaram a sua expressão ao longo dos tempos, Bauman (2005) afirma que as relações efêmeras e superficiais fruto dessa própria liberdade de escolhas são um refúgio para a falta de estruturas de referências ortodoxas. É como se, de um lado, houvesse uma abundância de compromissos oferecidos e, do outro, a fragilidade de cada um deles, o que estaria comprometendo a confiança em investimentos de longo prazo no nível das relações pessoais ou íntimas.

A lacuna referencial apontada pelo pesquisador provoca nos indivíduos uma tentativa de encontrar ou estabelecer relacionamentos eletronicamente mediados. Giddens (2002), por sua vez, considera que a experiência transmitida pela mídia na



Modernidade provocou uma espécie de “efeito colagem”, relacionado à justaposição de histórias, que estaria tornando os eventos completamente dominantes em relação aos lugares.

Outro ponto destacado é a intrusão de eventos distantes na consciência cotidiana, representando rotineiramente experiências que podem ser raras no dia-a-dia das pessoas, também conhecidas como experiências vicárias.

Essas mudanças nas vivências e formas de relacionamento entre as pessoas possibilitadas através dos novos mecanismos de comunicação sinalizam a importância da mídia no cotidiano desse processo.

2 Meios de comunicação, identidades e tribalismos

Para provar que pensar a identidade como elemento de sociabilidade ou peça fomentadora de novas formas de organização social seria um equívoco sem reconhecer o papel da mídia nessas transformações, basta pensarmos os fenômenos vivenciados recentemente, sobretudo no que se refere aos riscos experimentados pelos indivíduos que fazem parte da dita Modernidade Tardia.

Exemplo disso é que tem se tornado comum a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos ou sobre as intimidades do *eu*, possibilitados pelos mecanismos de comunicação e informação de alcance global. Giddens (2002) ressalta esse papel central da mídia impressa e eletrônica:

A experiência canalizada pelos meios de comunicação, desde a primeira experiência escrita, tem influenciado tanto a auto-identidade quanto a organização das relações sociais. Com o desenvolvimento da comunicação de massa, particularmente a comunicação eletrônica, a interpenetração do auto-desenvolvimento e do desenvolvimento dos sistemas sociais, chegando até os sistemas globais, se torna cada vez mais pronunciada. (...) É de muitas maneiras um mundo único, com um quadro de experiência unitário (por exemplo, em relação aos eixos básicos de tempo e espaço), mas ao mesmo tempo um mundo que cria novas formas de fragmentação e dispersão. (GIDDENS, 2002, p.12).

A influência dos meios de comunicação nesse processo de remodelamento da organização social deve-se ao que McLuhan (1969) apontou como o poder que a mídia tem de estruturar as relações espaço-temporais às quais o pensamento e sensibilidade do ser humano se conformam. Com o passar dos anos e das mudanças tecnológicas, as formas de comunicação e interação social entre os homens também foram se aprimorando, provocando uma breve ruptura com os fenômenos de identificação e agrupamentos sociais anteriores.

2.1 Tribalização, destribalização e retribalização

A comunicação circulava nas primeiras comunidades exclusivamente através das tribos. Isto porque os registros sobre o comportamento das civilizações pioneiras demonstram que a linguagem oral era incorporada como instrumento indispensável para



a sobrevivência social. McLuhan (1969) lembra que as comunidades organizavam ritos onde todo o conhecimento adquirido era armazenado na memória das pessoas e a única maneira de repassá-lo era através destes momentos, passando de geração a geração para que as descobertas pudessem ser levadas adiante. Assim, o processo de comunicação encontrava limitações, pois dependia da memória dos anciãos para transmitir os padrões culturais às gerações futuras.

Tempos depois, a escrita, e em seguida, a imprensa, teriam destribalizado o homem. A partir da invenção da prensa no século XV, criada por Gutenberg, a mídia impressa difundiu-se, proporcionando às pessoas um modelo de comunicação individual, caracterizado como um meio que se lê só, em silêncio e para si, bem diferente dos encontros de outrora descritos pelo autor canadense.

Considerando que os indivíduos estavam agrilhoados à vida da tribo, uma vez que a sobrevivência cultural resultava daquelas informações oriundas dos mais velhos, a escrita realmente proporciona um rompimento dos laços tribais, libertando o homem da dependência direta aos ancestrais e pondo à sua disposição um vasto patrimônio de experiências, conservando sob a forma de registros gráficos (MELO, 1997, p.227).

Esse processo de “destribalização” através da mídia impressa, caracterizava-se pela forma de utilização individualista dos meios.

Contudo, na evolução das vias de comunicação, após a passagem do modelo formal de comunicação para o modelo da comunicação de massa, assistimos a uma nova ruptura de paradigma com a chegada das redes de comunicação informatizadas, provocando mudanças estruturais que transformaram definitivamente as sociedades modernas.

A cada época da história da humanidade corresponde uma cultura técnica particular. (...) As principais características da sociedade de comunicação (chamada também de sociedade da informação ou informacional), onde a saturação dos ideais de modernidade (razão, progresso, futuro, etc.), aliada às novas possibilidades da microeletrônica, parece proporcionar o surgimento de novas formas de sociabilidade. (LEMOS, 2007, p. 15).

A partir da segunda metade do século XX, as novas tecnologias revolucionaram os meios de comunicação, criando um leque de possibilidades de interação social planetária através das redes telemáticas. Lemos (2007) resgata que, ainda na década de 60, McLuhan previa os sinais da formação de uma nova organização que resolveu denominar *aldeia global*, quando anunciou que a eletrônica e, mais tarde, a multimídia, tal qual a vivemos hoje, poderiam ajudar na criação de novas formas de tribalização.

Os computadores em rede parecem ir na direção oposta àquela da cultura do impresso, estando mais próximos do tribalismo anterior à escrita e à imprensa. Podemos dizer que a dinâmica social atual do ciberespaço nada mais é que esse desejo de conexão se realizando de



forma planetária. Ele é a transformação do PC (*Personal Computer*), o computador individual, desconectado, austero, feito para um indivíduo racional e objetivo, em um CC (Computador Coletivo), os computadores em rede. Assim, a conjunção de uma tecnologia retribalizante (o ciberespaço) com a socialidade contemporânea vai produzir a cibercultura profetizada por McLuhan. Parece que a homogeneidade e o individualismo da cultura do impresso cedem, pouco a pouco, lugar à conectividade e à retribalização da sociedade. (LEMOS, 2007, p.71)

Através dessa globalização do local e localização do global possibilitada pela revolução tecnológica, passamos a viver em um ambiente social onde a dimensão estética e hedonista impregna todos os aspectos da vida contemporânea. O *presenteísmo* definido por Maffesoli (1987) também se reflete nessa forma de interatividade voltada para o agora, levando a velocidade que impera sobre as atividades da vida moderna para uma comunicação em tempo real.

3 Identificação nas comunidades virtuais

Com a superação dos antigos critérios de afiliações sociais, geralmente determinados por raça, gênero, local de nascimento, família ou classe social, os indivíduos continuam na ânsia de encontrar novos grupos com os quais se vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade. Combinados com o desenvolvimento de uma nova forma de relação espaço-tempo, os recursos da mídia digital tornaram-se um fator decisivamente estimulante para a fomentação dessa nova condição social de retribalização.

A própria mediação das experiências no ciberespaço, definidos por Bauman (2005) como *frágeis totalidades virtuais*, podem ser um refúgio para os homens experimentarem a liberdade de se relacionar com pessoas com as quais encontram afinidades, o que não era tão amplamente permitido tempos atrás. Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma “comunidade de idéias e princípios”. (BAUMAN, 2005, p.19).

Essa pluralidade de escolhas também abriga a expressão transitória da identidade dentre todas as suas implicações em nossa época moderna, distanciando os riscos temidos na instabilidade que paira sobre os relacionamentos da vida real. Existem tantas possibilidades de idéias em torno das quais se desenvolvem comunidades criadas espontaneamente por indivíduos que acreditam em determinados temas, que é preciso comparar, fazer escolhas, reconsiderar escolhas já feitas em outras ocasiões, tentar conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis.

Em uma era em constante aceleração, as estruturas duráveis - tais quais as conhecíamos - não conseguem hoje incluir os novos conteúdos que queremos agregar, ou todas as identidades que gostaríamos de experimentar. Dessa forma, se comparado ao novo mundo de oportunidades e seguranças frágeis possibilitadas pelo novo mundo, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis deixaram de funcionar.

Por outro lado, diante da recente facilidade de aderir ou abandonar as comunidades virtuais, Bauman (2005) aponta os aspectos negativos dessa tentativa de substituição



das formas sólidas de convívio que, “graças à solidez genuína ou suposta, podiam prometer aquele reconfortante (ainda que ilusório ou fraudulento) ‘sentimento de nós’ – que não é oferecido quando se está ‘surfando na rede’”. (p.31).

Como os indivíduos passam cada vez mais tempo diante do computador, o fenômeno da busca de interação nas comunidades virtuais pode estar limitando a nossa capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais, devido a uma aparente saciedade de intimidade simulada. Através da união a grupos que acompanham a flexibilidade e a demanda da Modernidade, suprimimos, ao menos momentaneamente, as carências individuais. Bauman (2005) explica que na profundidade de identificação, a quantidade é aproveitada.

As comunidades guarda-roupa são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides. Suas vantagens em relação à ‘coisa genuína’ são precisamente a curta duração de seu ciclo de vida e a precariedade do compromisso necessário para ingressar nelas e (embora por breve tempo) aproveitá-las. Mas elas diferem da sonhada comunidade calorosa e solidária da mesma forma que as cópias em massa vendidas nas lojas de departamento diferem dos originais produzidos pela alta-costura (...). (BAUMAN, 2005, p.37).

Entretanto, se no princípio manter-se em alta velocidade, agregando-se e desagregando-se conforme as demandas emergentes, representava o poder da liberdade de escolha e expressão da auto-identidade, esse exercício de atualização constante tem se tornado cada dia mais exaustivo. Como a facilidade tanto de conexão quanto de desengajamento não reduz os riscos, o prazer da aventura divide espaço com sentimentos como ansiedade, insegurança, aflição e incertezas.

Dentro do panorama de experimentação infundável, onde as identidades são criadas para serem renovadas, ao invés de armazenadas, um dos maiores anseios do homem é a angústia de não saber se a auto-identidade exercida atualmente é a que lhe traz mais satisfação.

Berman (2007) também caracteriza essa sensação como típica da modernidade, na qual a vida cotidiana tumultuada e agitada oferece tantas possibilidades a todo o momento aos indivíduos que acabam os confundindo, no lugar de tocar suas identidades profundamente.

No palco de discussões entre *integrados e apocalípticos* a respeito da nova sociabilidade viabilizada pelas inovações tecnológicas, Bauman (2005) faz um contraponto e redime a culpa dos recursos eletrônicos pelo atual estado das coisas:

É justamente o contrário: é porque somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo, que instrumentos eletrônicos para fazer exatamente isso nos são acessíveis e tendem a ser entusiasticamente adotados por milhões. (BAUMAN, 2005, p.97).

Este autor, por conseguinte, relaciona a sociedade do consumo aos relacionamentos fugazes oferecidos pelas redes, afirmando que somos todos, ao mesmo tempo, clientes e mercadorias nesse mercado. Ele não se admira que o “consumo” das relações humanas, e conseqüentemente, também de nossas identidades, se aproximem do padrão de uso de bens materiais, reproduzindo um ciclo que começa na aquisição e termina no depósito como relacionamentos supérfluos.

Considerações finais

Em uma época em que a velocidade pede que o indivíduo represente os mais diversos papéis, como o de estudante, profissional, pai, filho, ativista social, conhecedor cultural, protetor do meio ambiente, defensor da pátria, esportista e, como não poderia deixar de ser, consumidor dos produtos e rótulos desse atual sistema capitalista, torna-se cada vez mais difícil conhecer a própria identidade.

Só existe um lugar onde é possível reunir todas essas identidades: o ciberespaço. A nova ordem virtual possibilita a participação do homem em todas as comunidades com as quais se identifica. Se ela ainda não existe, não tem problema, cria-se uma. E, caso destoe dos princípios ou afinidades do grupo, é possível se desengajar no momento em que bem entender.

O caráter descartável dessas comunidades demonstra uma tentativa de preenchimento de identificação do homem, em que as idéias defendidas e as pessoas com as quais você se relaciona demonstram muito quem você é. Laços familiares, religiosos, classes sociais, vínculos de proximidade geográfica, portanto, perderam seus espaços, pois essas âncoras sociais limitam a livre expressão.

Dessa forma, concluímos que a transitoriedade atual da identidade, formada e remodelada continuamente, lança uma nova problemática paradoxal para o homem moderno: na ânsia de exercer a liberdade das suas múltiplas identidades, ele pode perder-se no caminho das possibilidades e não consolidar nenhuma que o represente profundamente.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- _____. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- LEMONS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 3.ed. Porto Alegre: Sullinas, 2007.
- MAFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MELO, José Marques de. *Subdesenvolvimento, urbanização e comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1977.